



Protencial ornamental de espécies nativas

ANTONIO FERNANDO CAETANO TOMBOLATO⁽¹⁾

1. INTRODUÇÃO

A Floricultura abrange um setor, além de reconhecidamente o mais tecnificado da agricultura, extremamente diverso. De uma maneira geral toda espécie vegetal pode apresentar um uso ornamental, desde que bem enquadrada no ambiente a ser decorado e/ou na finalidade: jardins internos e externos, decorações, presentes, artesanato, etc.

Entre as plantas ornamentais podem-se identificar muitos grupos, como os que seguem: árvore, palmeira, bambu, folhagem, flor de corte, flor de vaso, flor seca, fruto ornamental, bromélia, orquídea, planta de jardim, suculenta, trepadeira, forração, entre outras.

Embora haja um grande desconhecimento popular e confusão sobre a questão das espécies nativas, basta uma observação nos mercados de flores para se encontrar inúmeras espécies oriundas do Brasil sendo comercializadas juntamente com tantas outras exóticas. A confusão pode ser causada pela idéia de que uma planta nativa deveria ser exatamente a espécie botânica tal e qual se apresenta na natureza. Porém a maioria das plantas comercializadas já passou por processo de domesticação, seleção e de melhoramento genético, como é o caso típico da *Petunia*, atualmente uma das mais importantes ornamentais de canteiro do mundo e também uma planta modelo amplamente estudada em pesquisas básicas. Das nove espécies botanicamente reconhecidas, oito são encontradas no Brasil e a infinidade de cultivares híbridas que foram selecionadas produziu flores e plantas com características extremamente diversas de seus ancestrais. Como ilustração pode-se citar também o brinco-de-princesa (*Fuchsia*), a pervinca ou boas-noites (*Catharanthus roseus*), a camaradilha (*Lantana camara*), a sálvia (*Salvia splendens*), as diversas espécies de begônia, a perpétua (*Gomphrena*), a crista-de-galo (*Celosia*), a primavera (*Bougainvillea*), os inúmeros híbridos das orquídeas *Laelia*, *Cattleya*, *Oncidium* e *Epidendrum*, e o mesmo para bromélias dos gêneros *Aechmea*, *Guzmania*, *Nidularium*, *Neoregelia* e *Vriesea* e para os da família Araceae - *Philodendron*, *Dieffenbachia* e *Caladium* -, e também *Cuphea*, *Dipladenia*, *Allamanda* e uma infinidade de outras espécies, talvez de menor expressão, mas que também compõem a gama de produtos florícolas no mercado nacional.

Não exatamente nativas pela sua origem, mas melhoradas no Brasil, pelo Instituto Agrônomo

(Campinas, SP), estão as cultivares de antúrio, hemerocale e açucena, em pleno cultivo em diversas regiões do País. Para antúrio, além das 24 cultivares mencionadas no catálogo lançado em 2002, já existe um número praticamente duplicado, à disposição dos produtores. Para hemerocale são 33 híbridos publicados no catálogo de 2005 da empresa catarinense Agrícola da Ilha, parceira do IAC para o projeto de melhoramento dessa planta e para as açucenas, a empresa André Boersen, de Holambra, comercializa atualmente 20 híbridos no mercado nacional.

2. DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A EXPLORAÇÃO DE NOVAS ESPÉCIES NATIVAS

No mundo, das 400 mil espécies botânicas identificadas taxonomicamente, 60.000 são brasileiras. Do número total mundial, cerca de 7.000 foram cultivadas pelo homem ao longo dos tempos e, destas, 3.000 foram cultivadas com fins alimentícios. A quantidade de espécies cultivadas para fins tipicamente ornamentais é incontável, além de variar enormemente segundo o clima e os costumes regionais.

A utilização de espécies de plantas ornamentais nativas constitui uma alternativa de renda para pequenos e médios agricultores, além de valorizar e conservar a biodiversidade. Este tema foi profundamente explorado no desenvolvimento do Projeto: Plantas do Futuro, do Ministério do Meio Ambiente, durante o ano de 2005. A partir de dados de levantamentos bibliográficos, adidos de conhecimentos de especialistas, foram estabelecidas prioridades entre as famílias de plantas com potenciais para a exploração florícola:

Prioridade 1: Espécies prontas para exploração agrônômica, que apresentam como principal limitação a disponibilidade de material. Nesse grupo reúnem-se as espécies das famílias Araceae, Bromeliaceae, Cactaceae, Piperaceae, Gesneriaceae, Maranthaceae, Heliconiaceae, Costaceae, Clusiaceae (*Clusia*), Mimosaceae, Orchidaceae.

Prioridade 2: Espécies semiprontas, que apresentam diversas limitações, como a necessidade de melhoramento genético, estudos fisiológicos, principalmente para controle de florescimento) e avaliação de característica invasora -Amaryllidaceae, Alstromeriaceae, Turneraceae, Boraginaceae, Rubiaceae, Apocynaceae, Poaceae, Passifloraceae, Acanthaceae, Begoniaceae, Verbenaceae, Malvaceae, Melastomataceae, Escrophulariaceae, Euphorbiaceae, Liliaceae.

⁽¹⁾Doutor-Engenheiro, Pesquisador Científico VI, NPD Jardim Botânico IAC, Caixa Postal 28, CEP 13012-970, Campinas (SP), e-mail:

Prioridade 3: Espécies não domesticadas, das quais os conhecimentos de propagação e cultivo são praticamente inexistentes. Nesse grupo enquadram-se a maioria das espécies de cerrado, cuja fisiologia é pouco conhecida, havendo prioritariamente a necessidade de estudos de domesticação. Pertencem a este grupo: Orchidaceae terrestres, Amaranthaceae, Iridaceae (*Trimezia*), Clusiaceae (*Kielmeyera*), Velloziaceae, Gentianaceae.

Prioridade 4: Espécies com possibilidade de extrativismo, representado principalmente pelas sempre-vivas, que, pela falta de tecnologia de produção, há a necessidade de estudos de manejo das populações naturais. Neste grupo enquadram-se as espécies das famílias Eriocaulaceae e Xiridaceae.

Durante o desenvolvimento do Projeto “Plantas do Futuro” foram formados cinco grupos de peritos,

conforme as cinco regiões brasileiras: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Para as ornamentais, cada um desses grupos elegeu cerca de 80 espécies, com graus de prioridades diferentes, totalizando quase 400 espécies listadas. A partir dessas listagens aguardam-se novos editais de financiamento para a pesquisa aplicada, de modo a tornar realmente essas espécies em novos produtos florícolas para os mercados regionais, nacionais e internacionais.

A utilização de espécies de plantas ornamentais nativas pode ser um mecanismo eficiente para valorizar e conservar a biodiversidade, constituindo uma alternativa futura de renda, principalmente para pequenos e médios agricultores, considerando, principalmente, que não há necessidade de plantio em grandes áreas para viabilizar a inserção no mercado.